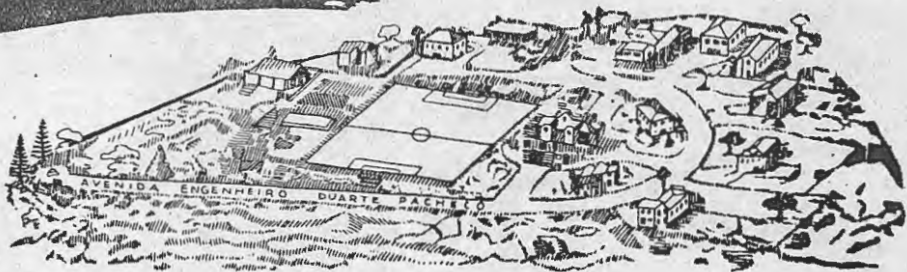




O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 202
Preço 1\$00



Aqui, LISBOA!

De como nós fomos aos Açores

Não surgiu inesperadamente, a questão das casas dos Pobres. Nós contávamos com a tempestade. Tinha de dar-se. E deu se.

Nunca passou pela mente do legislador que alguém viria um dia construir casas para tal fim. Que os bafejados da sorte construam prédios de rendimento, é muito natural; que construam chales ou mesmo palácios, também o é; que os remediados se aventurem a uma construçãozinha modesta, também é das coisas mais naturais do mundo. Que o Estado, Caixas Sindicais, ou outras entidades levantem bairros económicos de renda acessível, até aí ainda se vai. Construir para quem não pode compensar é loucura perante o mundo, que a lei não prevê.

E então? Ou nos submetemos às leis que foram feitas para os outros pois que, como diz a resposta da Câmara ao nosso pedido «há exigências burocráticas a que ninguém é lícito fugir», o que equivale a dizer que nada se faz e cruzamos os braços,—ou então vamos para a frente, sugereitandonos à cadeia por amor de Cristo.

A Sabedoria do Evangelho diz que é imprudente lançar vinho novo em odres velhos. Apesar desta observação ter sido feita pelo próprio Mestre, nem Ele mesmo conseguiu escapar a essa imprudência. O odre velho do fariseísmo não lhe perdoou que ele viesse com novas normas abalar as velhas tradições de seus antepassados. Daí a Cruz.

«Odre velho» era o paganismo romano ao tempo em que Pedro e Paulo chegaram às portas de Roma. A ousadia da Boa Nova que vieram anunciar, custou-lhes a vida. Toda a história está cheia de exemplos desta natureza. Ai de quem sair da vulgaridade!

A verdade e a justiça incomoda quem está bem instalado. Em certa repartição, os nossos rapazes foram enxotados ao espalharem «O Gaiato». Porquê? «Não queremos cá esse veneno»... Na verdade a *Obra da Rua* por ser novidade, ou antes, por ser a revolução, está a incomodar muita gente...

Nós estamos mal perante as velhas instituições de assistência, porque, como se está, é que é cómodo. Estamos igualmente mal perante a burocracia da Assistên-

cia, por não termos a secretaria. Vamos também ficar mal perante a Câmara por não ser «lícito fugir a exigências burocráticas»? As câmaras terão razão. Dura lex, sed lex! Mas, vamos às consequências. Suponhamos que o Pedro, um dos nossos rapazes, queria construir uma casa para dela fazer o seu ninho. Antes de mais teria de pensar no seguinte:

- a) Amealhar para a compra do terreno (tal como nos aconteceu) 3.750\$00
- b) Pagar o imposto de cisa e escritura, no que se iriam mais 1.500\$00
- c) Pagar a quem lhe fizesse a planta; que pelo menos vai a . . . 600\$00
- d) Pedir licença à câmara que a dá à razão de 5\$00 por metro 1.200\$00
- e) Se o terreno fica junto da rua, mais 500\$00

Já lá vão sete contos e não fez nada. Apenas muitas passadas dolorosas. Na melhor das hipóteses a casa começa. Agora vêm os fiscais que também comem. Aqui ninguém se livra da multa por causa dos 25%.

Sabe-se duma pobre mulher que em casa só tinha catorze tostões e foi multada por fazer uma capoeira. Portanto...

- Multa certa, mais . . . 400\$00
- Mão de obra e materiais para uma casa modestíssima 20.000\$00
- Vistoria mais 500\$00
- Mobiliaria rudimentar. . . . 2.500\$00
- Total: trinta contos.

Portanto, se o Pedro que dificilmente ganha 25\$ diários e consegue, sem extraordinários de espécie alguma, e com a nossa ajuda, amearhar cem escudos por mês, tem de estar 25 anos à espera para ter uma casa sua e então se casar. Isto é, aos 44 anos E chama-se isto ajudar a família?...

Mas o Pedro é ainda um dos felizardos apesar de tudo. E os pobres que nada ganham? Quem se vai admirar de os ver refugiarem-se em cabanas, em tocas, em furnas? Eles vão a caminho da idade das cavernas...!

Temos que acudir-lhes com a legislação, com «as facilidades», com o bom senso, com a justiça e com a caridade. Multiplicar-lhes o Património.

Já não peço à Câmara que ajude; já me contento que não estorve.

O Tavares era quem nos ministrava. Tavares é um homem novo, escanhado, irrepreensível na sua jaqueta branca e laço preto. Guardanapo na mão, vinha aconce nos estivessemos dizer o jantar na mesa; e nós fomos jantar. Atravessávamos salas, alcatifa, quadros, lustres até chegarmos à sala de jantar. Avelino, atrás de mim, ia dizendo baixinho: *dois farrapões*. E tornava a dizer: *dois farrapões*. A voz dele chega aos meus ouvidos submissa e envergonhada: *nós somos dois farrapões*. Eu pudera ter objectado e não entrar no número; pudera, sim; mas aceitei e calei-me. *Dois farrapões no palácio do Governo!*

De manhã fomos celebrar cada dia em sua igreja. Avelino, mitilucoso como é, não se esqueceu do missal e ajuda-me.

Reitores e párocos parece que estavam à nossa espera e recebiam-nos cordialmente. A assistência dizia-me dos seus profundos sentimentos religiosos.

E mais disse o Senhor Governador quando me informou, ao passarmos por uma freguesia da Ilha, que ali, quando o dono saía de casa, deixava ficar a chave na porta. Este era mesmo o sinal de que não estava ninguém em casa.

Isto é correto. Isto é de um povo que sabe e cumpre o Decálogo. Agora o que eu tenho medo é dos Americanos. Não é bem deles que eu tenho; é dos dólares. Ele ainda não é bem bem dos dólares que eu tenho medo; é do que eles trazem no ventre. É do seu poder em frente da nossa fraqueza. Disso é que eu tenho medo. Se os Açores caírem um dia na desgraça de adorar o Deus Milhão, ninguém mais deixa ficar a chave na porta quando sai e as trancas com que as seguram, não vencerão os perigos.

No fim da missa regressávamos para o pequeno almoço que o Tavares nos servia familiarmente. Fizemos visitas a uma fábrica de tabaco e à do açúcar de beterraba, qual delas a mais interessante, mas esta última sobremaneira. Há mais indústrias na Ilha de S. Miguel: chá, chicória, álcool e outras mais. Quem nunca ali foi, pergunta naturalmente o que são muitas superfícies brancas por entre o verde dos quintais e fica a saber que são estufas de ananazes. O Tavares servia-nos deles todos os dias às duas refeições. Era fartas consoladela, para usar o termo já consagrado do português do Gaiato.

O tempo, mal encarado na hora em que chegámos, pôs cortinas

e não nos deixou ver as belezas da Ilha, conquanto tivéssemos sido convidados e aceitado passeios; tal a boa vontade de quem desejava que nós vissemos o que é de ver. Um desses passeios foi de cem km. de chuva e nevoeiro, que nos levou ao vale das furnas. Eu fiquei maravilhado com o horrível de crateras de água em cachão. Muitas delas. Uma era de papas de enxofre. Metia medo. Estive largo tempo a contemplar aquele inédito quanto a mim e gostaria de ter estado mais. Vale a pena vir ali de qualquer parte do mundo. Ao pé há o hotel *Terra Nostra* dentro dum parque de beleza indescrevível. Almoçamos ali à mesa e por convite do seu proprietário; um Bensaúde (Vasco). Este hotel já seria muito, mas ele há mais na Ilha com este mesmo nome *Terra Nostra*. É uma organização apaixonada de quem tem muito amor à sua terra. Não me parece que este hotel que vi, em tres meses no ano seja capaz de cobrir as despesas. É preciso haver quem possa e saiba perder dinheiro para lhe conservar a vida.

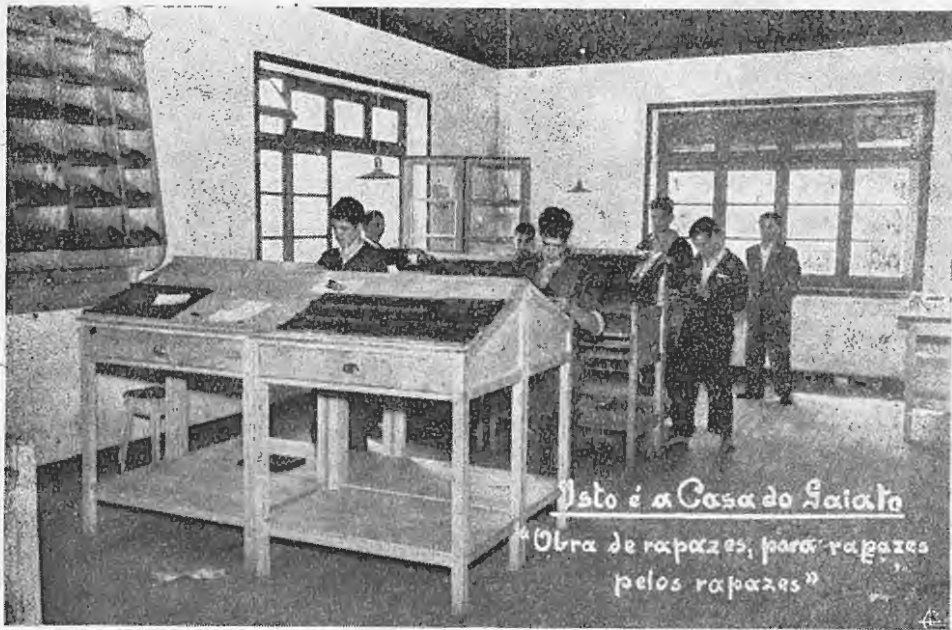
Tomámos o rumo da cidade por uma outra estrada por onde havia muito que ver, sim, mas o tempo não nos deixou. A cortina espessa de nevoeiro impedia; e assim chegamos ao Pico de Salomão aonde alguns tomaram chá e outros Whisky. Eu fui dos dele. A noite era escura, a chuva, pesada e assim demos fundo na nossa residência. Tavares estava à espera. A sopa fumegava. Avelino mais eu, sózinhos e encantados, recompunhamos os acidentes do dia enquanto jantávamos. A conversa do Avelino é muito sóbria; a palavra vem de muito fundo. Há que esperar um nadinha antes de a ouvir. Ainda à mesa veio o cigarrito. Ele pede licença, eu digo que sim e faço como ele. Tavares estacionou ao lado. Quão diferente do nosso refeiteiro de Paço de Sou-

(Continua na terceira página)

ATENÇÃO A GUIMARÃES

Da figura que nós lá fizemos, que o diga quem nos viu.

Da figura que a cidade fez, digo eu: primeiramente, os Rapazes das Oficinas de S. José, que nos esperaram com a sua banda e nos serviram em sua casa o jantar, que foi de sopa e arroz e maçãs e castanhas e vinho velho e marmelada e pão mimoso e de tudo muita fartura e muito boa vontade. Depois, foi o Cinema Jordão esgotadíssimo. Depois foi a capa estendida no final.



Eis aqui outras vistas; é a oficina de composição da nossa tipografia, da qual falou largamente um tipógrafo compositor. Sim, porque os oradores da importante noite de Guimarães, eram todos d'esta massa.

Não existe maior força para tornar uma Obra conhecida de que isto de deixar que falem dela os que são dela.

Por isso mesmo, as nossas festas, são eles que as realizam. Nós somos em toda a parte tais quais.

DOCTRINA

Os cronistas de todas as nossas casas, costumam enviar seus trabalhos directamente ao Júlio, que por sua vez manda compor e é nesta altura, já inseridos, que eu os costumo ler. O último número era um extenal. Cada um dos cronistas, gemia a seu modo a sua missão vicentina.

Dir-se-ia uma coisa morbida e eu estive quase resolvido a cortar. Que aquela leitura incomoda muita gente, é certo. Que dela se tire algum proveito, é duvidoso. De resto, este estado de coisas já vem de séculos e pobres sempre havemos de ter entre nós, como ensina a Verdade Eterna, e nós gostamos de apropriar, preguiçosamente... Sim. O meu primeiro movimento, ao ler os choramias do Porto, de S. João da Madeira, de Coimbra, de Miranda, do Tojal e de Paço de Sousa, foi o de cortar ou alindar as crónicas de cada um. Mas tornei a ler. Nenhum falava de si. Nenhum copiava o outro. Casos semelhantes, são relatados segundo uma observação pessoal. Mais. Eles são vicentinos activos. Eles vão a casa do Pobre. Escutam-no. Podem dizer o que ele pensa e julga de nós outros. De tudo isto fiz breve meditação e resolvi deixar seguir. Se incomoda, se aborrece, se vale pouco, se nada, deixei seguir.

Nós somos o único jornal no país que informa os seus leitores da guerra actual. Os chamados grandes diários, dão as notícias. Nós, o fundamento. Por mais estranho que isso pareça, as inocentes crónicas dos que foram outrora Lixo, trazem em si a causa da Guerra Universal.

Esta é naturalmente inevitável. Que os homens se armem; muito mais pode a Justiça, que também é uma arma... de confusão. Os senhores leiam aqui e meditem e façam constar. Não são os grandes objectivos. Pouco valem os grandes planos; e nada as conversações. É tudo esteril. O nosso Deus não está ali. Não é a Sua causa que se pretende defender. Ele é verdade que se fala em seu nome, sim, mas Deus não é um nome..!

A Guerra tem de ser. Quem o diz? Os nossos cronistas! O perigo é tão evidente, que no último

congresso da Mensagem de Fátima, os Teóricos quiseram puxar pela questão social, a propósito da doutrina da penitência cristã; de preocupados, de medrosos e quem sabe se comprometidos.

Por isso eu deixo passar as crónicas. Eu não corto os fundamentos. Nós somos da causa de Deus.

Noticias da Conferência da nossa Aldeia

Da Figueira da Foz 30\$. Mais abaixo da Parede 12\$50. Subimos ao Porto e mais 100\$. Atravessamos o Atlântico pela rota de Pedro Alvares Cabral e descobrimos no Brasil a quantia redondinha de 300 cruzeiros. Cantando espalharei por toda a parte.

Entre a avalanche de clientes da nossa Tipografia temos quem, em vez de enviar a quantia exata do débito contribue com mais 11\$. O Sr. Penetra foi mais acima com 38\$. Isto é que é devoção! Meus senhores, a nossa conferência já chegou ao Congo Belga! Ali também há corações portugueses! Veio-nos daquelas bandas 80\$. Queiram prestar atenção a uma alma que expande alegria:

«A pequena importância que acompanha esta carta, nem de longe vale a alegria que me dá o enviá-la: é que ela representa o cumprimento duma promessa que fiz pelas melhoras de uma das minhas filhinhas. Quando esperava que a sua doença levasse meses e meses a passar, quis Deus que em pouco mais de mês e meio ficasse quase curada.

Se este dinheiro pudesse concorrer para as melhoras de qualquer pequerrucho doente e pobrezinho, sentir-me-ia feliz por libertar seus pais da tortura por que acabo de passar.

Pede-vos uma pequenina oração pelo completo restabelecimento de sua filhinha.»

Dentro 250\$. Outra vez alguém da Figueira da Foz; este com 30\$. Mais de Atouguia da Baleia 20\$. Quem escreve diz ter também dificuldades e confiança em nós.

Uma libra!
«Era destinada aos seminários. Como, porém, a vossa conferência está muito necessitada, vai para vós. Deus necessita que aí chegue. Peço notícias no «Gaiato».

«Velha assinante de Lisboa»
Mas antes de acabar informamos que o déficit permanece...

J. M.



Desta vez fui por mais longe, mas o clima é igual. São casas de muitos andares, senhoris, naquele tempo e hoje deixadas a outra sorte de habitantes. Vamos subindo. Em cada patamar há um vão que ontem era de arrumar e agora é habitado. O que mais pena me deu foi ter visto crianças de leite tão mortais, que mesmo sem perguntar, eu digo que não. Nunca beberam leite.

Mais andares; eu dirigia-me ao último. Os primeiros que se pisam são de escadas limpas. A luz da claraboia assim as mostra. Mora ali gente de possibilidades; de gosto pela vida. Porém à maneira que se sobe, a zona é diferente. Os gatos sujam. O lixo calca-se. Dir-se-ia terra de ninguém, mas dentro, ouve-se gemer. Ali mora alguém. Eu fui ver. Oh vistas..!

Do nosso canceroso, trago que contar; dizia eu no derradeiro número, que ele tinha seguido para Lisboa, pelo que fiquei muito satisfeito e tu, por certo, igualmente. Tinha ido tratar-se. Seria convenientemente assistido. Quem não folga com estas notícias, às quais eu chamei boas, quem?

Pois agora digo que não. O doente, regressou. Apenas chegado dos Açores, passei pela porta a saber coisas, e soube esta: Ele estava na enxerga. A mulher, que não sei se é sua, também estava e diz que ele fôra, andara por lá alguns dias. Que lhe tiraram o retrato à boca, para dizer como ela. E que por último, um polícia o levantara do chão, foi com ele à Santa Casa, arranhou passagem e fê-lo regressar. E ele regressou.

O doente escuta o relatório, deitado e a gemer. Já não fala. Eu digo, por minha vez, que tenho ali fora da porta um automóvel às ordens. Que se ele quiser embarcamos, seguimos já e as coisas hão-de correr de outra maneira. O homem ouve. Ergue-se a meio corpo. Sobre uma especie de meza e entre farrapos, está um senhor crucificado, que a mulher me diz, com unção religiosa, ter sido de sua avó. Ao pé, arde uma lamparina. Cuidava eu que o doente me ia dizer que sim senhor. Não disse. Põe as mãos, estende os braços em direcção ao Crucifixo e diz-me a muito custo, que quer morrer ali.

Ele já havia perdido a confiança nos homens, mas agora muito mais. O que ele não deve ter sofrido por lá! Quais as tempestades dentro da sua alma! Que monumento de resignação! Que condenação para os que sobrevi-

vem estas tragédias humanas! Parece que é nada. De que presta um doente da Reboleira? Que mais faz ele na terra? Oh condenação dos tempos e dos homens; porquanto todos sabemos que aquela doutrina é falsa e agimos como se fôra verdadeira!

E o viajante que foi até Lisboa, agora apodrece vivo. Até aqui, era só junto da sua boca que se não podia estar. Hoje, é por todo o espaço.

São os farrapos, é o desalinho, é uma lamparina acesa. Um padecente de mãos postas, a dizer mal do mundo e Jesus de Nazaré a escutá-lo..!

PATRIMONIO DOS POBRES

Por uma especial intensão, no dia 8 de Novembro, deu-se a chave de uma casinha com seu quintal, sita no lugar da igreja, freguesia de S. Miguel de Paredes. A senhora Rita tomou conta. Esta habitava numa cortelha, por dois frangos anuais. Ela é de tal pobreza escondida, que quem não procurar, não dá fé. Exemplo. Sabendo-se do frio que ela tinha, mandou-se a sua casa algum dinheiro. A senhora Rita recebe e fica indecisa: *se eu soubesse que durava muito tempo, comprava um chaile, se não, um cobertor.* Tão pobre, que diante de uma pequena soma de dinheiro, fê-la assustar-se; formam-se em seu espirito problemas que não sabe resolver! Um chaile ou um cobertor? Hoje tem tudo. Tem uma casa. Já não precisa criar frangos para a renda. As casas do Património são justamente para quem não tem meios de pagar.

A Obra do Património na freguesia de Miranda do Corvo, está tomando um aspecto com o qual se não contava. O povo interessa-se. Há um senhor que deseja construir à sua conta, em terreno seu, duas casas. A freguesia também faz questão de construir uma. Para aquelas que estamos construindo, temos tido valiosas ofertas de materiais. A Câmara, por por sua vez, ofereceu-nos um grande terreno. Não se contava.

Eu tenho que isto é o fruto das dores de parto. Foi ali, em Miranda do Corvo e no lugar dos Bujos, que a Obra da Rua me nasceu. Me, a mim. Não pode haver obra cristã sem dor, nem dor sem fruto. Eis.

No próximo dia de Natal, devem tomar conta do que é seu mais alguns dos nossos, que até hoje não tinham onde ficar.

Do que eu mais gosto é da família que se vai aqui estabelecer, mãe e três crianças.

Que belo Natal para estas e para todos a quem chegar esta feliz notícia. São três crianças!

Alegremo-nos.



TRIBUNA DE COIMBRA

PERIGRINANDO... Também tive a felicidade, como os romeiros, de visitar as Casas dos Pobres de Paço de Sousa e arredores para ganhar o jubileu, no dizer do Snr. P.º Américo.

Embora aquelas visitas não tenham anexas indulgências determinadas, nós sentimos a alma cheia e o coração a sangrar.

A primeira foi a tia Maria Mocha. Anda na volta dos oitenta e nunca teve casa, nem nunca ninguém me foi ver e agora vem aqui tanta gentinha boa... Deus lhes faça o bem que eles me fazem... e chora de alegria e gratidão e rezou muitas vezes as minhas contas.

Perto, noutra casa, uma mãe entevadinha há muitos anos e não pode comer nada, com um filho de dez anos a tratar dela e os outros dois estão a servir e ganham quatrocentos mil reis por ano. Assim viviam até agora. Hoje o purgatório é-lhes mais suave.

Logo pegado vive uma velhinha na casa dos setenta. Estava a fiar por conta duma benfeitora. *Se eu tivesse as pernas como tenho as mãos... estava muito bem, mas assim também estou bem; é a vontade de Deus...*

Depois foi um homem já idoso que já teve alguma coisa e por causa dos filhos gastou tudo e eles agora desprezaram-no.

Ele corta como foi a visita duma família: os pais antes de me darem alguma coisa disseram aos filhinhos que me beijassem. *Estes têm amor de Deus. Muitos, por lá, atiram-nos a esmola como quem atira a um cão.* Como os pobres sentem... E há tanto quem julgue que atirar a esmola ao pobre é o suficiente...

No domingo, com alguns gaiatos, visitamos a tia Júlia. Tem oitenta e quatro anos e está há muitos retida na cama e olhe que sinto só facas no meu corpo. Está também à espera que o Snr. P.º Américo lhe faça uma casinha junto da nossa, pois eu andei com ele em pequenino ao colo. Está crucificada pela dor; não tem ninguém; vão tratá-la as senhoras da nossa Casa e vai levar-lhe o leite o nosso Espanhol. O que ouvi dela não sei dizer: um tratado de pura teologia sobre a dor. Os que têm de pregar sobre tal assunto que venham até junto daquele leito (um autêntico cadinho, e tragam papel e lápis e escrevam e aprendam ali a virtude santa da resignação. Faz tão bem este contacto com almas grandes!

Seguimos em direcção a um lugar onde se andam a construir mais cinco casas. Apareceu o tio Manuel Manco; manco dos bra-

ços. Veio com um rancho de filhinhos e que alegria a dele ao saber que uma delas é para ele!

Visitamos também a casa onde nasceu o Pai Américo.

Regressamos cansados de corpo e rejuvenescidos de espírito.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

A primeira d'hoje, é a notícia de uma visita do Liceu Feminino do Porto, com suas professoras à frente. O dia era pardo, mas a comitiva, brilhante. Disseram e deixaram. Quantidades de merceria, tecidos, 50 puloveres feitos pelas alunas e algum dinheiro.

Mais da Vila João Belo 100 angolares. Mais de Lamego para uma camisola do Pombinha 50\$. Mais roupas de Mopeia! Mopeia é no coração da Zambézia, aonde um punhado de Europeus reside, lembra-se e quer fazer bem à sua terra natal. Mais 100 angolares de Sá da Bandeira. As quatro paredes de onde escrevo este jornal são antenas do Ultramar. Dias há em que são tantas as cartas de aquém como de além e os escudos confundem-se com os angolares. É necessário ver a Obra. É preciso meditar na obra e evitar o elogio de quem está à frente. Se Deus sucita no meio dos homens uma Obra de Caridade aonde cada um pode preparar o perdão dos seus pecados,—Glória a Ele nas Alturas! Sim; pode mandar no dia 8 de Dezembro tantas quantas queira. Mais 50 litros d'azeite do Douro. Mais roupas do Menino Luiz. Mais um par de brincos de Uma Mãe. Mais de Monte Estoril 20\$. Mais de Vizela 50\$ de uma avó de cabeça branca. Mais coisas de Tentugal. Mais tecidos de Minho II. Mais 600 escudos de um Sacerdote, comemorando 60 anos de vida sacerdotal. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ de Leiria. Mais 200\$ de Lisboa. Mais de alunos e professores do Externato da Marinha Grande, que resolveram sair para a rua a pedir «O pão de Deus» da tradição e mandaram-nos o pão de Deus.

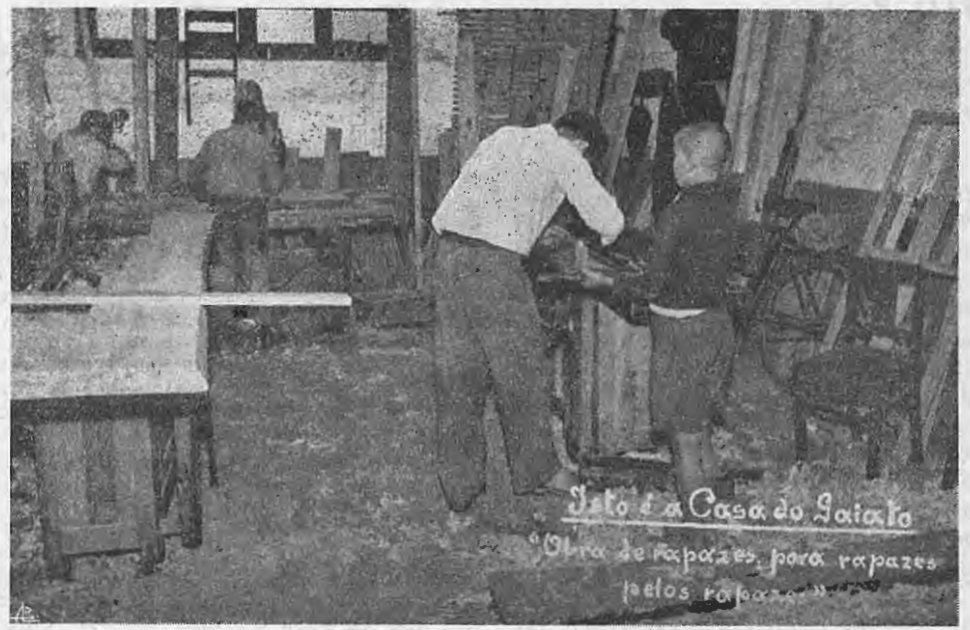
Mais esta carta do Pessoal da Caixa de Previdência dos Técnicos e operários metalúrgicos e Metal-Mecânicos de Lisboa:

«Se todos nos seguíssemos exemplo: colegas de outras Caixas; de grandes Empresas, de Escritórios e até mesmo os funcionários do Estado... Que bom seria!

Apenas uma caixinha com um pequeno orifício e todos os meses na altura de se receber o vencimento deitar nela aquelas migalhas que costumam atrapalhar a gente.

Eu bem sei que o mais difícil é arranjar a tal caixinha... mas mesmo de cartão serve. O resto é fácil.

E' pouco mas tem que ser di-



Um dos oradores na festa de Guimarães, disse ao publico que a Casa do Gaiato é uma casa de trabalho; e para que o rapaz não fique mal, a gente, agora, confirma. Eis aqui um aspecto da Oficina dos carpinteiros. O que ele não disse, mas digo eu agora, é do que nós aqui passamos a tentar fazer obra com estas mãos; isto é que ele não disse. Nem ele está em idade de apreciar estes trabalhos.

Agora

Vai aqui um S. S. não sei de onde, com uma telha das casas—250\$. Vale a pena vir à janela, para ver e ouvir Um que vem da cidade da Beira, tão longe! Enquanto não posso arranjar uma para mim e para os meus, e já que não posso dar uma inteira, vai essa ajuda para uma Casa dos Pobres: mil escudos. Quem estiver à janela que oiça e medite: enquanto não posso e já que não posso... Posso! Só a Caridade é capaz de fazer contas assim! A seguir vai este sinal que me pediram: Beira, recebi. 100\$. Não cabendo nas janelas, subam aos telhados. Doze contos; última casa de um Senhor do Porto, que prometeu cinco d'elas e acaba de cumprir. Admiro os argentários americanos, que começando do nada juntam fortunas colossais e fazem reverter a maior parte d'essas fortunas a favor de hospitais, de clínicas, de escolas, de bibliotecas, de Institutos científicos! Estas regras, acompanham a última casa e são de ir no cortejo.

vidido por outra Obra idêntica.

Rendeu a caixinha 116\$80. Aquele atrapalhar de migalhas, tomo eu que, por mínguas, não remedeiam as suas necessidades urgentes e multiplicadas, fazem montes consideráveis, a Bem de Obras sociais; tamanhos, que chegam para dividir!

Mais 100\$ do primeiro ordenado. E' do Rui. Mais 20\$ de Soure.

Mais da Beira 600\$ para os meus irmãos pobres, de uma agradecida a Deus Nosso Senhor. Beira de Africa Oriental. Estou admirado de que em terras faustosas, aonde parece que Deus se dispensa, há quem não! O papel da carta é azul. Azul é cor do céu. Mais 20\$ de Vila Real. Mais de V. N. de Famalicão 50\$, sendo 20\$ para uma cavilha da casa do Xai-Xai, comarca onde fui juiz pela primeira vez. Mais 20\$ de Leiria para o Barredo. Mais 130\$ de alguém que encontrou um objecto perdido. Mais do Porto 500\$ para as Conferencias.

O Porto vai com 50\$. Uma senhora da Capital pôs seis e levon uma sua amiga a fazer o mesmo e ambas deram doze contos. Uma dúzia. Gosto deste número. Jesus Cristo escolheu entre milhões uma dúzia d'homens. Doze. Aveiro vai com uma telha de 20\$. Braga leva uma dobradiça de 50\$. Matozinhos segue com mais telhas, 20\$. Minucha, Maria da Graça e Zézito, levam um vidro de 20\$. Um vidro nas mãos deles...! A Lucília de Santa Maria também enfileira com 100\$ para uma telha. Uns noivos do Porto dão 200\$ para irem na procissão. O Abel trouxe 100\$ da venda. O mesmo digo do Albertino. Quem não puder incorporar-se, pode-se fazer representar por um qualquer dos vendedores. O que eles querem é andar na procissão. Um rapaz de Lourenço Marques vai com um exemplar Lusíadas. Um anónimo deu 290\$. Rio de Janeiro vai com 500\$. O Porto não quer ficar atrás, e vai ao lado com outro tanto. Belas leva um tejo de 30\$. Da Parede vão telhas, 20\$. Leiria vai com vidros, 50\$. Lisboa, enfileira com mais tejos, 100\$; e também com telhas, 20\$. Porto torna com 30\$; e mais 20\$. Alenquer leva um vidro, 20\$. Sim senhor; o nosso 2719 de Lisboa já devia ter aqui sido nomeado com 400\$.

Só faltam 939.500\$00

(Continuação da 1ª página)

sa, o Bernardino, que raras vezes estaciona. Põe a comida e raspase. Mas eu não desanimo com isso. Eu tenho a certeza de que chegando ele, Bernardino, à idade do Tavares, há-de ser outro que tal. Acabado o jantar seguimos corredores em fora até à sala favorita, aonde o criado nos costuma procurar, sabendo que dela tínhamos feito a nossa sala. Pareceu-nos que entre tantas, esta era a mais modesta; e também porque o rasgo duma janela dava para um jardim relvado. Ali fazíamos as nossas delícias. Vinha a hora e resávamos o terço. Apagávamos as luzes e cada um seguia para o seu quarto. Era o fim de um dia perfeito.

(CONTINUA)



O Presidente não me larga; toda a hora e instante pede que o ponha no jornal: bote-me no jornal.

Ora eu costumava dar-lhe por resposta que ele, presidente, era justamente um dos mais falados. Mas ele não. Ele não se contenta com falas.

Presidente quer a sua figura e ela aqui vai. Deve ficar satisfeito ao ver-se no meio das flores.

Isto é a CASA DO GAIATO

*** Um grupo de senhores no Café Victória, não estiveram com meias medidas; na hora em que o «Tangerina» ali vendia *O Gaiato*, falaram e compraram-lhe um relógio. O rapaz chegou a casa rubro. Obediente, nada disse quando eu mandei que o entregasse ao Carlos, para guardar no cofre. Está o relógio no cofre à espera do tempo. Eu compreendo o entusiasmo de quem lhes dá relógios de pulso; estes rapazes não tiveram nunca nada nem ninguém! Eles eram amores perdidos e agora, encontrados, continuam amores.

Quanto não vale um rapazinho que entrega imediatamente o seu relógio, sem um esboço de protesto, nem beicinha; quanto não vale!

Vá alguém tirar um brinquedo das mãos do teu menino, e mais ele tem uma sala de propósito para guardar os seus brinquedos.

Vá alguém...

*** *Tangerina* é muito vaidozinho. Ontem dei com ele a fazer ondas. Como tivesse chegado a hora de ir para o seu emprego, na Camisolândia, *Tangerina* molha o cabelo, entra na sala aonde temos um bengaleiro, planta-se diante do espelho, rapa de um pente e ageita. Como tem o cabelo hirtó, o rapaz força e esforça-se por fazer ondas. Mal me viu, vai-se esconder por trás de uma porta. Mas *Tangerina* não tinha nada de que se esconder. Eu acho até muito natural que cada um procure embelezar-se.

*** Vaidozinhos são também Hélio e Abel. Eles vendem em Viana do Castelo. Chegaram aqui ontem de manhã a rescender. Perguntei. Foi o Sr. José Rancheiro, diz o Abel. E explica. O sr. Zé Rancheiro põe no quarto onde eles dormem um frasco de perfume. Ou calhou eles dormirem em um outro quarto, onde havia perfumes, daí o abuso.

*** Eu ontem subia quando Caçoila descia avenida abaixo com um cesto vazio na mão, quente, e a protestar. Tinha comido do Botas.

Ora vamos a desfiar: Botas é o cozinheiro, hoje chefe, desde que o Constantino se encontra empregado. Caçoila é o provedor da hortaliça. Naquela maré, tinha trazido uma grande cestada de nabijas pró caldo da noite. Botas não quer nabijas, que levam muito tempo a escolher. Caçoila quer nabijas, que levam pouco tempo a colher. E eis aqui. O caldo daquela noite era mais um purgante de que caldo. Felizmente não havia hóspedes. Nós cá o engulimos. Nós cozinhamos e comemos.

*** Eu estava aqui no meu escritório, quando Presidente bate e entra e dirige-se ao cesto dos papéis, por selos. Nisto entra Abel com o mesmo fim. Encontram-se. Discutem e o mais não se diz por amor da firma... São os passarinhos. Selos do Ultramar. Aves, peixes, girafas, flores, frutos e sobretudo a côr! O fulvo! Fogo!

QUEM NOS ACODE?

Agasalhos. Se vou a S. João da Madeira, aí vêm eles com pedidos de gabardines e sobretudo. Se ao Porto, a mesma ladainha. Que posso eu contra cinquenta? Quem acode?

S. JOÃO DA MADEIRA

Viva S. João da Madeira!

Este viva é para todos os sanjoanenses mas em especial para aqueles que se abeiram de nós e nos ajudam. Não desanimem e continuem a viver as nossas alegrias e tristezas. Se algum dia verdes um gaiato praticar uma boa acção rejubilai; mas, se pelo contrário o encontrardes com más companhias ou embebidos em quaisquer outros males não os desprezeis mas aconselhai-os. Assim se vive intimamente com os gaiatos. Assim é que nos ama o Pai Américo. Assim é que deve viver a Humanidade. «Amai-vos uns aos outros». Eis o Evangelho.

Já empregamos mais um rapaz na Laborarte L. d.ª, do Sr. Alves da Silva & C.ª. Só nesta fábrica trabalham seis dos nossos rapazes. Alguns já têm quase um ano de casa e felizmente têm cumprido. O número deles é testemunha. Oxalá eles continuem a agradar aos patrões. Na «Oliva» temos dois em virtude de outros tantos se terem ausentado: um saiu por castigo e outro fugiu da nossa comunidade. Já tinha desassete anos e por isso pode conseguir enfrentar a vida com mais facilidade do que quando para cá veio. Todavia fez mal. Na «Dalfa» está o Daniel a aprender mecânica bem como o Constantino está nos C. T. T. à espera de lugar. Ainda temos mais três empregados em alfaiate, marceneiro e sapateiro. Somos um total de dezoito com os que estudam.

Sanjoanenses, precisamos que colaborem connosco. Quero ainda agradecer à A. D. S. o ter-nos permitido a admissão gratuita nos jogos de foot ball, hockey ou basket ball, e à Empresa do Cine Teatro o facilitar-nos também a entrada aos seus espectáculos.

A venda do jornal, com a entrada do Outono baixou um pouco de nível. Vende-se actualmente nesta vila, O. de Azeiteiros, Ovar, Espinho, Granja e Aveiro. O total da venda é de quinhentos jornais aproximadamente. Os acréscimos é que são reduzidos em virtude das viagens serem muito dispendiosas.

Muito obrigado pelas toalhas enviadas. Este furo já foi tapado. E agora está o Inverno à porta qual será a melhor maneira de entrar com o Pai Américo para ele cair com dinheiro para comprar cobertores?

O melhor modo seria os senhores leitores roubarem um de cada cama das suas e enviá-lo-nos. Tenham pena de nós porque esta casa é muitíssimo fria. Nós também precisávamos de chita para colchas e cortinas mas... Cá aguardamos as vossas amáveis ofertas.

Fomos visitados pelo nosso pároco desta freguesia. É aborrecido que tivéssemos esperado que ele cá viesse em vez de nós termos ido dar as felicitações de boa vinda. Pedimos desculpa mas além de ter sido um bocadinho de descuido, também não nos foi muito possível em virtude dos horários de saída dos nossos rapazes.

Felicidades pois ao novo pároco e que esteja também conosco.

Carlos Indício

MIRANDA DO CORVO No dia 1 de Novembro dia de Todos os Santos, demos um passeio e fizemos um magusto de castanhas. Pela manhã assistimos à missa e tivemos um ensaio da missa de réquiem.

Depois à tarde demos então o passeio até às Fontainhas, lugar onde vão ser construídas duas casas para pobres e ali os rapazes se dividiram em quatro grupos. Depois assaram-se as castanhas, que depois se distribuiu justamente com o vinho. Por fim regressamos a casa cheios de alegria e com a barriguinha cheia.

Como agora é o tempo das castanhas nós esperamos fazer-se mais magustos, mas não haviam de ser compradas.

Fomos há dias convidados pela segunda vez para cantar a missa dos defuntos no dia 2, dia dos Fieis Defuntos. Tivemos alguns ensaios uns dias antes e na véspera tivemos o maior para no outro dia cantarmos na igreja. Para Dezembro cantaremos outra por alma de uma pessoa benfeitora da nossa casa.

Também nestes dias o nosso Pai Américo veio até aqui mais o Sr. Padre Adriano, mas vinham com muita pressa porque têm a sua vida. Quando ele chegou, alguns que andavam mais perto ainda o viram, mas outros não puderam porque andavam a apanhar azeitona.

Desejamos que quando o nosso Pai Américo cá voltar não venha assim com tanta pressa porque nós não queremos perder uma vez que ele cá venha sem o

ver, porque já são poucas as vezes que ele cá vem e que e vimos.

Durante o mês de Dezembro, mês em que faz anos que o Menino Jesus nasceu, fazem também alguns dos nossos rapazes as suas primaveras que são estes: Júlio Grande, dia 4; Júlio Pequeno, dia 9; José Maria Fernandes, o cronista do Lar de Coimbra, no dia 14; Joaquim Curto Fraga, dia 28; Victor Garcia (Tóto), dia 30 e Carlos Chinês no dia 31.

Todos os nossos caros leitores que quiserem oferecer qualquer prenda aos nossos rapazes, dos seus anos e das festas do natal, eles agradecem.

Como também já recomendamos que precisávamos bastante de roupas para o inverno pedimos aos nossos queridos leitores que não se esqueçam de nós principalmente de meias e outras roupas de dentro; roupas de fora também precisávamos, mas de dentro ainda mais.

CARLOS MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA O nosso segundo magusto foi no dia dos Fieis Defuntos. Antes porém quero dizer que esse dia foi celebrado cá na aldeia, com Missa por alma dos nossos já falecidos.

De tarde, no campo da bola estavam montes de erguiço, para assarem as castanhas. As cinco horas a sineta chamou-nos. Chegou-se o fogo ao erguiço e deitamos castanhas a assar, passados 15 minutos já tudo comia castanhas e bebia o seu copito.

Eis como foi o nosso segundo magusto.

Tivemos domingo passado um encontro de futebol com um grupo do Porto. O jogo não chegou a terminar, ou melhor jogou-se só meia parte, e nesse tempo que se jogou a nossa equipa perdia por 1-0.

O nosso grupo reservista foi jogar à vizinha freguesia de Cete. Ambas as equipas jogaram de igual para igual, mas a sorte bafejou os donos da casa, saindo vencedores por 1-0.

Os nossos jogadores disseram para eu por no jornal, que necessitavam de um equipamento completo. Aqui fica a petição deles.

Nasceram mais 10 bacininhos muito bonitos e engraçados. Um morreu, a porca pisou-o. O Melgaço foi o portador desta notícia. Nestes primeiros dias estão a ser muito bem alimentados. Quem trata deles é o Chico.

Os senhores querem saber, que no dia 11—domingo, estiveram na nossa aldeia meio cento de camionetes; olhem que são cinquenta. Aquilo era gentinha por todos os lados. Os cicrones andaram muito ocupados. Vejam como a Casa do Gaiato está a ser conhecida. Faço minhas as palavras do Júlio Mendes: «Não deve haver ponto turístico mais visitado que este aqui».

Pois esse bom povo levou, ou melhor se não levou foi porque não quis, uma recordação cá da Aldeia dos Rapazes um bonito postal ilustrado com passagens da nossa casa. Cada postal custa a insignificância de 25 tostões.

No momento em que estou acabando de escrever esta crónica, os nossos rapazes componentes do orfeão, estão-se preparando para irem até Guimarães, onde se vão apresentar num espectáculo de beleza, pois ouvi-os cantar é um encanto.

Fiquei com pena de não ter permissão para ir até à cidade do «Conquistador». Se fosse, contaria aos amigos leitores o que foi essa noite inesquecível, pois ouvir os garotos que antes eram da rua, é possível? É sim senhor. Também faz parte da nossa doutrina.

MANUEL PINTO

TOJAL Já voltou o Corre-Mundo.

Noutros tempos este rapaz andava com o pai a pedir esmolas de terra em terra. Tantas cidades viu, que lhe puseram o nome de Corre-Mundo. Mas há alguns meses fugiu da nossa casa, e andava por lá. Só agora é que subemos que foi para a Guarda fazer contrabando na fronteira espanhola, por conta de uma prima que é da terra dele. Mas não chegou a enriquecer com o negócio. Quando chegou, vinha com uma grande cabeleira e todo roto, era pior que alguns mendigos. Agora não pode fazer trabalhos pesados porque vem muito fraco dos pulmões, pelas noites que perdia fugindo à polícia, na travessia das fronteiras. Parece que esta lição lhe fica de emenda, pois agora tem andado com juízo.

Logo que pusemos no famoso empregos para os nossos rapazes, aparece-

VISITANTES

Ontem estiveram 52 autocarros e um rôr deles ligeiros; um mundo de povo! Grupos excursionistas na sua maior parte. Dizer o nome de todos, impossível por falta de lugar. Cada um explicou-se consoante as suas poses; nenhum se foi embora sem marcar posição. O dos *Casais do Porto*, composto de 70, pede-me que faça dele especial menção; o que ora se faz.

Era em roda dos mais pequeninos, que o povo quedava a fazer perguntas e a chorar. Chorar? Sim. Mas os visitantes tinham estado nos dormitórios, no hospital, nos jardins; passavam pela cozinha com tamanho interesse, que o Botas houve de fechar as portas e deixá-los a espreitar pelas ministras, a menos que não comessemos a horas. Passavam, sim. Eles viam tudo. Sentiam tudo. Os pequeninos, bem vestidos, bem alimentados, contentes. E o povo chora! Faz grupos à roda deles e chora! É verdade. Choravam. Eu vi. É a ausência. Choraram a ausência dos pais legítimos. A idade tenra de cada um, pede necessariamente a presença. É a justiça a brotar dos olhos; lágrimas de justiça!

Claro está que desta sorte, a nossa obra cresce em glória. Mas é glória sentimental, popular, piegas. Não presta. Eu mesmo sou contra ela.

Eu acuso as leis, acuso os homens, acuso os tempos e os costumes. Eu antes quero a beleza da justiça. Cada casal em sua casa com meios suficientes de possuir, gozar, alimentar e educar os seus filhos, na sua condição. Todos os casais? Certamente que não, por razões óbvias. Totalmente, não. Mas intensivamente e extensivamente sim. Agora, fazer da exceção regra, isso não senhor. E é o que nós fazemos! As lágrimas daquele povo, naquele dia, disseram. Isto é o descrédito.

ram logo senhores a oferecer-nos trabalho. Só a fábrica de balanças do A. P. tem lá cinco rapazes que são: o Pedro, Entroncamento, Graça, Tarzam, Mendonça. E parece-me que não tardará muito que estejam os dez todos empregados. Saem daqui de manhã na forgonete e volam à noite.

Como os senhores leitores devem saber, nós temos cá um carnerio que era muito mansinho, mas os nossos rapazes com a força de o tourear em fizeram dele uma fera. Já quase todos lhe experimentaram a força. Quando ele apanha algum distraído, atira-se que nem um touro. De vez em quando lá aparece algum a escorrer em sangue na sala de penços entre dois rapazes que o foram salvar. O único remédio para nos vermos livres do bicho é deitarmos-no no chão sem bulir. Quando algum se quer levantar leva logo outra marrada que o vira. Até à data quem ficou pior destes encontros foi o *polícia*, que teve de ir ao médico para levar gatos na cabeça, e ele já está quase bom. Os rapazes quando vêem o bicho a correr pegam logo em paus para lhe atirarem, que é para ele fugir.

Apareceram entre os que vieram ultimamente, alguns larapiozitos, um deles comeu por duas vezes as esmolas dos pobres de Conferência. Doutra vez comeu hóstias todas e o Sr. Padre Adriano ia para celebrar a missa e não encontrou nenhuma.

Havia um que apesar de castigos e conselhos andava sempre a roubar fígos. Só se emendou quando recebeu ordem de ir para cima da figueira comer até se fartar. Durante três dias não comeu mais nada. Vamos a ver se fica curado desta vez.

Carlos Alberto Lopes